FERNANDO PESSOA

POEMAS
DE FERNANDO PESSOA

[Inclui ***Quadras ao Gosto Popular***]

Freeditorial

Navegar é Preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"*Navegar é preciso; viver não é preciso*".

Quero para mim o espírito [d]esta frase,

transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,

ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;

ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue

o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir

para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Tudo quanto penso

Tudo quanto penso,

Tudo quanto sou

É um deserto imenso

Onde nem eu estou.

Extensão parada

Sem nada a estar ali,

Areia peneirada

Vou dar-lhe a ferroada

Da vida que vivi.

Vendaval

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,
Não achas, soprando por tanta solidão,
Deserto, penhasco, coval mais vazio
Que o meu coração!

Indômita praia, que a raiva do oceano
Faz louco lugar, caverna sem fim,
Não são tão deixados do alegre e do humano
Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,
Só têm a tristeza que a gente lhes vê
E nisto que em mim é vácuo e tristeza
É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,
Que rasgas os robles -teu pulso divida
Minh'alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,
A alma que tenho pudesses levar -
Fosse pr'onde fosse, pra longe da ideia
De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,

Mar torvo do caos que parece volver Porque

é que não entras no meu pensamento

Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!

Horror de sentir a alma sempre a pensar!

Arranca-me, é vento; do chão da existência,

De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais'scura,

Pelo caos furioso que crias no mundo,

Dissolve em areia esta minha amargura,

Meu tédio profundo.

E contra as vidraças dos que há que têm lares,

Telhados daqueles que têm razão,

Atira, já pária desfeito dos ares,

O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,

Tornado a substância dispersa e negada

Do vento sem forma, da noite sem termo,

Do abismo e do nada!

Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem acabei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem;

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo

Como páginas, meu ser.

O que sogue não prevendo,

O que passou a esquecer.

Noto à margem do que li

O que julguei que senti.

Releio e digo: "Fui eu ?"

Deus sabe, porque o escreveu.

Quinto Império

Vibra, clarim, cuja voz diz.

Que outrora ergueste o grito real

Por D. João, Mestre de Aviz,

E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo

Com que impeliste, como um remo,

Em El-Rei D. João Segundo

O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com lei,

Como aclamaste outrora em vão

O morto que hoje é vivo -El-Rei

D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca

O inteiro exército fadado

Cuja extensão os pólos toca

Do mundo dado!

Aquele exército que é feito

Do quanto em Portugal é o mundo

E enche este mundo vasto e estreito

De ser profundo.

Para a obra que há que prometer
Ao nosso esforço alado em si,
Convoco todos sem saber
(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,
Deram batalhas com um nome,
E de cuia alma a voz da história
Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,
No ver e crer da externa sorte,
Convoco todos sem saber
Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império;
Heróis sem ter para quem o ser,
Chama-os aqui, ó som etéreo
Que vibra a arder!

E, se o futuro é já presente
Na visão de quem sabe ver,
Convoca aqui eternamente
Os que hão-de ser!

Todos, todos! A hora passa,
O génio colhe-a quando vai.
Vibra! Forma outra e a mesma raça
Da que se esvai.

A todos, todos, feitos num
Que é Portugal, sem lei nem fim,
Convoca, e, erguendo-os um a um,
Vibra, clarim!

E outros, e outros, gente vária,
Oculta neste mundo misto.
Seu peito atrai, rubra e templária,
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,
Dados no idioma do Mistério -
Soldados não, mas sacerdotes,
Do Quinto império.

Aqui! Aqui! Todos que são.
O Portugal que é tudo em si,
Venham do abismo ou da ilusão,
Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,

Sobre ondas de uma vida estranha.

Do que por haver ou do que é vindo —

É o mesmo: venha!

Vós não soubesses o que havia

No fundo incógnito da raça,

Nem como a Mão, que tudo guia,

Seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,

Um ímpeto de Portugal,

Encheu vosso destino vário

De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,

De passar para além de Deus,

E, abandonando o Gládio e o escudo,

Galgar os céus.

Titãs de Cristo! Cavaleiros

De uma cruzada além dos astros,

De que esses astros, aos milheiros,

São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,

No ar do mundo que há de ser.

Nada pequeno é justo e bom.

Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história

Que em nosso sangue continua!

Deixa atrás Roma e a sua glória

E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor

E a todos chama ao mundo visto.

Hereges por um Deus maior

E um novo Cristo!

Vinde aqui todos os que sois,

Sabendo-o bem, sabendo-o mal,

Poetas, ou Santos ou Heróis

De Portugal.

Não foi para servos que nascemos

De Grécia ou Roma ou de ninguém.

Tudo negamos e esquecemos:

Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!
Grita a nossa ânsia já ciente
Que o seu inteiro voo libra
De poente a oriente.

Vibra, clarim! A todos chama!
Vibra! E tu mesmo, voz a arder,
O Portugal de Deus proclama
Com o fazer!

O Portugal feito Universo,
Que reúne, sob amplos céus,
O corpo anónimo e disperso
De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta
Do fundo surdo do Destino,
E, como a Grécia, obscuro canta
Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,
Que, universal perante a Cruz,
Reza, ante à Cruz universal,
Do Deus Jesus.

Para Além Doutro Oceano de C[oelho] Pacheco

Num sentimento de febre de ser para além doutro oceano

Houve posições dum viver mais claro e mais límpido

E aparências duma cidade de seres

Não irreais mas lívidos de impossibilidade, consagrados em pureza e em nudez

Fui pórtico desta visão irrita e os sentimentos eram só o desejo de os ter

A noção das coisas fora de si, tinha-as cada um adentro

Todos viviam na vida dos restantes

E a maneira de sentir estava no modo de se viver

Mas a forma daqueles rostos tinha a placidez do orvalho

A nudez era um silêncio de formas sem modo de ser

E houve pasmos de toda a realidade ser só isto

Mas a vida era a vida e só era a vida

O meu pensamento muitas vezes trabalha silenciosamente

Com a mesma doçura duma máquina untada que se move sem fazer barulho

Sinto-me bem quando ela assim vai e ponho-me imóvel

Para não desmanchar o equilíbrio que me faz tê-lo desse modo

Pressinto que é nesses momentos que o meu pensamento é claro

Mas eu não o oiço e silencioso ele trabalha sempre de mansinho

Como uma máquina untada movida por uma correia

E não posso ouvir senão o deslizar sereno das peças que trabalham

Eu lembro-me às vezes de que todas as outras pessoas devem sentir isto como eu

Mas dizem que lhes dói a cabeça ou sentem tonturas

Esta lembrança veio-me como me podia vir outra qualquer

Como por exemplo a de que eles não sentem esse deslizar

E não pensam em que o não sentem

Neste salão antigo em que as panóplias de armas cinzentas

São a forma dum arcaboiço em que há sinais doutras eras

Passeio o meu olhar materializado e destaco de escondido nas armaduras,

Aquele segredo de alma que é a causa de eu viver

Se fito na panóplia o olhar mortificado em que há desejos de não ver

Toda a estrutura férrea desse arcaboiço que eu pressinto não sei por quê

Se apossa do meu senti-la como um clarão de lucidez

Há som no serem iguais dois elmos que me escutam

A sombra das lanças de ser nítida marca a indecisão das palavras

Dísticos de incerteza bailam incessantemente sobre mim

Oiço já as coroações de heróis que hão-de celebrar-me

E sobre este vício de sentir encontro-me nos mesmos espasmos

Da mesma poeira cinzenta das armas em que há sinais doutras eras

Quando entro numa sala grande e nua à hora do crepúsculo

E que tudo é silêncio ela tem para mim a estrutura duma alma

É vaga e poeirenta e os meus passos têm ecos estranhos

Como os que ecoam na minha alma quando eu ando

Por suas janelas tristes, entra a luz adormecida de lá de fora

E projecta na parede escura em frente as sombras e as penumbras

Uma sala grande e vazia é uma alma silenciosa

E as correntes de ar que levantam pó são os pensamentos

Um rebanho de ovelhas, é uma coisa triste

Porque lhe não, devemos poder associar outras ideias que não sejam tristes

E porque assim é e só porque assim é porque é verdade

Que devemos associar ideias tristes a um rebanho de ovelhas

Por esta razão e só por esta razão é que as ovelhas são realmente tristes

Eu roubo por prazer quando me dão um objecto de valor

E eu dou em troca uns bocados de metal. Esta ideia não é comum nem banal

Porque eu encaro-a de modo diferente e não há relação entre um metal e outro objecto

Se eu fosse comprar latão e desse alcachofras prendiam-me

Eu gostava de ouvir qualquer pessoa expor e explicar

O modo como se pode deixar de pensar em que se pensa que se faz uma coisa

E assim perderia o receio que tenho de que um dia venha a saber

Que o pensar eu em coisas e no pensar não passa duma coisa material e perfeita

A posição dum corpo não é indiferente para o seu equilíbrio

E a esfera não é um corpo porque não tem forma

Se é assim e se todos ouvimos um som em qualquer posição

Infiro que ele não deve ser um corpo

Mas os que sabem por intuição que o som não é um corpo

Não seguiram o meu raciocínio e essa noção assim não lhes serve para nada

Quando me lembro que há pessoas que jogam as palavras para fazerem espírito

E se riem por isso e contam casos particulares da vida de cada um

Para assim se desenfastiarem e que acham graça aos palhaços de circo

E se incomodam por lhes cair uma nódoa de azeite no fato novo

Sinto-me feliz por haver tanta coisa que eu não compreendo

Na arte de cada operário vejo toda uma geração a esbater-se

E por isso eu não compreendo arte nenhuma e vejo essa geração

O operário não vê na sua arte nada duma geração

E por isso ele é operário e conhece a sua arte

O meu físico é muitas vezes causa de eu me amargurar

Eu sei que sou uma coisa a porque não sou diferente de uma coisa qualquer

Sei que as outras coisas serão como eu e têm de pensar que eu sou uma coisa comum

Se portanto assim é eu não penso mas julgo que penso

E esta maneira de me eu acondicionar é boa e alivia-me

Eu amo as alamedas de árvores sombrias e curvas

E ao caminhar em alamedas extensas que o meu olhar afeiçoa

Alamedas que o meu olhar afeiçoa sem que eu saiba como

Elas são portas que se abrem no meu ser incoerente

E são sempre alamedas que eu sinto quando o pasmo de ser assim me distingue

Muitas vezes oculto-me sensações e gostos

E então elas variam e estão em acordo com as dos outros

Mas eu não as sinto e também não sei que me engano

Sentir a poesia é a maneira figurada de se viver

Eu não sinto a poesia não porque não saiba o que ela é

Mas porque não posso viver figuradamente

E se o conseguisse tinha de seguir outro modo de me acondicionar

A condição da poesia é ignorar como se pode senti-la

Há coisas belas que são belas em si

Mas a beleza íntima dos sentimentos espelha-se nas coisas

E se elas são belas nós não as sentimos

Na sequência dos passos não posso ver mais que a sequência dos passos

E eles seguem-se como se eu os visse seguirem-se realmente

Do fato deles serem tão iguais a si mesmo

E de não haver uma sequência de passos que o não seja

É que eu vejo a necessidade de nos não iludirmos sobre o sentido claro das coisas

Assim havíamos de julgar que um corpo inanimado sente e vê diferentemente de nós

E esta noção pode ser admissível demais seria incómoda e fútil

Se quando pensamos podemos deixar de fazer movimento e de falar

Para que é preciso supor que as coisas não pensam

Se esta maneira de as ver é incoerente e fácil para o espírito?

Devemos supor e este é o verdadeiro caminho

Que nós pensamos pelo fato de o podermos fazer sem nos mexermos nem falar

Como fazem as coisas inanimadas

Quando me sinto isolado a necessidade de ser uma pessoa qualquer surge

E redemoinha em volta de mim em espirais oscilantes

Esta maneira de dizer não é figurada

E eu sei que ela redemoinha em volta de mim como uma borboleta em volta de uma luz

Vejo-lhe sintomas de cansaço e horrorizo-me quando julgo que ela vai cair

Mas de nunca suceder isso acontece eu estar às vezes isolado

Há pessoas a quem o arranhar das paredes impressiona

E outras que se não impressionam

Mas o arranhar das paredes é sempre igual

E a diferença vem das pessoas. Mas se há diferença entre este sentir

Haverá diferença pessoal no sentir das outras coisas

E quando todos, pensem igual duma coisa é porque ela é diferente para cada um

A memória é a faculdade de saber que havemos de viver

Portanto os amnésicos não podem saber que vivem

Mas eles são como eu infelizes e eu sei que estou vivendo e hei de viver

Um objecto que se atinge um susto que se tem

São tudo maneiras de se viver para os outros

Eu desejaria viver ou ser adentro de mim como vivem ou são os espaços

Depois de comer quantas pessoas se sentam em cadeiras de balanço

Ajeitam-se nas almofadas fecham os olhos e deixam-se viver

Não há luta entre o viver e a vontade de não viver

Ou então -e isto é horroroso para mim -se há realmente essa luta

Com um tiro de pistola matam-se tendo primeiro, escrito cartas

Deixar-se viver é absurdo como um falar em segredo

Os artistas de circo são superiores a mim

Porque sabem fazer pinos e saltos mortais a cavalo

E dão os saltos só por os dar

E se eu desse um salto havia de querer saber por que o dava

E não os dando entristecia-me

Eles não são capazes de dizer como é que os dão

Mas saltam como só eles sabem saltar

E nunca perguntaram a si mesmos se realmente saltam

Porque eu quando vejo alguma coisa

Não sei se ela se dá ou não nem posso sabê-lo

Só sei que para mim é como se ela acontecesse porque a vejo

Mas não posso saber se vejo coisas que não aconteçam

E se as visse também podia supor que elas sucediam

Uma ave é sempre bela porque é uma ave

E as aves são sempre belas

Mas uma ave sem penas é repugnante como um sapo

E um montão de penas não é belo

Deste fato tão nu em si não sei induzir nada

E sinto que deve haver nele alguma grande verdade

O que eu penso duma vez nunca pode ser igual ao que eu penso doutra vez

E deste modo eu vivo para que os outros saibam que vivem

Às vezes ao pé dum muro vejo um pedreiro a trabalhar

E a sua maneira de existir e de poder ser visto é sempre diferente do que julgo

Ele trabalha e há um incitamento dirigido que move os seus braços

Como é que acontece estar ele trabalhando por uma vontade que tem disso

E eu não esteja trabalhando nem tenha vontade disso

E não possa ter compreensão dessa possibilidade?

Ele não sabe nada destas verdades mas não é mais feliz do que eu com certeza

Em áleas doutros parques pisando as folhas secas

Sonho às vezes que sou para mim e que tenho de viver

Mas nunca passa este ver-me de ilusão

Porque me vejo afinal nas áleas desse parque

Pisando as folhas secas que me escutam

Se pudesse ao menos ouvir estalar as folhas secas

Sem ser eu que as pisasse ou sem que elas me vissem

Mas as folhas secas redemoinham e eu tenho de as pisar

Se ao menos nesta travessia eu tivesse um outro como toda a gente

Uma obra-prima não passa de ser uma obra qualquer

E portanto uma obra qualquer é uma obra-prima

Se este raciocínio é falso não é falsa a vontade

Que eu tenho de que ele seja de fato verdadeiro

E para os usos do meu pensar isso me basta

Que importa que uma ideia seja obscura se ela é uma ideia

E uma ideia não pode ser menos bela do que outra

Porque não pode haver diferença entre duas ideias

E isto é assim porque eu vejo que isto tem de ser assim

Um cérebro a sonhar é o mesmo que pensa

E os sonhos não podem ser incoerentes porque não passam de pensamentos

Como outros quaisquer. Se vejo alguém olhando-me

Começo sem querer a pensar como toda a gente

E é tão doloroso isso como se me marcassem a alma a ferro em brasa

Mas como posso eu saber se é doloroso marcar a alma a ferro em brasa

Se um ferro em brasa é uma ideia que eu não compreendo

O descaminho que levaram as minhas virtudes comove-me

Compunge-me sentir que posso notar se quiser a falta delas

Eu gostava de ter as minhas virtudes gostosas que me preenchessem

Mas só para poder gozar e possuí-las e serem minhas essas virtudes

Há pessoas que dizem sentir o coração despedaçado

Mas não entrevistam sequer o que seria de bom

Sentir despedaçarem-nos o coração

Isso é uma coisa que se não sente nunca

Mas não é essa a razão por que seria uma felicidade sentir o coração despedaçado

Num salão nobre de penumbra em que há azulejos

Em que há azulejos azuis colorindo as paredes

E de que o chão é escuro e pintado e com passadeiras de juta

Dou entrada às vezes coerente por demais

Sou naquele salão como qualquer pessoa

Mas o sobrado é côncavo e as portas não acertam

A tristeza das bandeiras crucificadas nos entrevãos das portas

É uma tristeza feita de silêncio desnivelada

Pelas janelas reticuladas entre a luz quando é dia,

Que entorpece os vidros das bandeiras e recolhe a recantos montões de negrume

Correm às vezes frios ventosos pelos extensos corredores

Mas há cheiro a vernizes velhos e estalados nos recantos dos salões

E tudo é dolorido neste solar de velharias

Alegra-me às vezes passageiramente pensar que hei de morrer

E serei encerrado num caixão de pau cheirando a resina

O meu corpo há de derreter-se para líquidos espantosos

As feições desfar-se-ão em vários podres coloridos

E irá aparecendo a caveira ridícula por baixo

Muito suja e muito cansada a pestanejar

Quadras ao Gosto Popular

Cantigas de portugueses

São como barcos no mar -

Vão de uma alma para outra

Com riscos de naufragar.

Eu tenho um colar de pérolas

Enfiado para te dar:

As per'las são os meus beijos,

O fio é o meu penar.

A terra é sem vida, e nada

Vive mais que o coração...

E envolve-te a terra fria

E a minha saudade não!

Deixa que um momento pense

Que ainda vives ao meu lado...

Triste de quem por si mesmo

Precisa ser enganado!

Morto, hei de estar ao teu lado

Sem o sentir nem saber...

Mesmo assim, isso me basta

P'ra ver um bem em morrer.

Não sei se a alma no Além vive...

Morreste! E eu quero morrer!

Se vive, ver-te-ei; se não,

Só assim te posso esquecer.

Se ontem à tua porta

Mais triste o vento passou -

Olha: levava um suspiro...

Bem sabes quem to mandou...

Entreguei-te o coração,

E que tratos tu lhe deste!

É talvez por 'star estragado

Que ainda não mo devolveste ...

A caixa que não tem tampa

Fica sempre destapada

Dá-me um sorriso dos teus

Porque não quero mais nada.

Tens o leque desdobrado

Sem que estejas a abanar.

Amor que pensa e que pensa

Começa ou vai acabar.

Duas horas te esperei

Dois anos te esperaria.

Dize: devo esperar mais?

Ou não vens porque inda é dia?

Toda a noite ouvi no tanque

A pouca água a pingar.

Toda a noite ouvi na alma

Que não me podes amar.

Dias são dias, e noites

São noites e não dormi...

Os dias a não te ver

As noites pensando em ti.

Trazes a rosa na mão

E colheste-a distraída...

E que é do meu coração

Que colheste mais sabida?

Teus olhos tristes, parados,

Coisa nenhuma a fitar...

Ah meu amor, meu amor,

Se eu fora nenhum lugar!

Depois do dia vem noite,

Depois da noite vem dia

E depois de ter saudades

Vêm as saudades que havia.

No baile em que dançam todos

Alguém fica sem dançar.

Melhor é não ir ao baile

Do que estar lá sem lá estar.

Vale a pena ser discreto?

Não sei bem se vale a pena.

O melhor é estar quieto

E ter a cara serena.

Rosmaninho que me deram,

Rosmaninho que darei,

Todo o mal que me fizeram

Será o bem que eu farei.

Tenho um relógio parado

Por onde sempre me guio.

O relógio é emprestado

E tem as horas a fio.

Quando é o tempo do trigo

É o tempo de trigar,

A verdade é um postigo

A que ninguém vem falar.

Levas chinelas que batem

No chão com o calcanhar.

Antes quero que me matem

Que ouvir esse som parar.

Em vez da saia de chita

Tens uma saia melhor.

De qualquer modo és bonita,

E o bonita é o pior.

Levas uma rosa ao peito

E tens um andar que é teu...

Antes tivesses o jeito

De amar alguém, que sou eu.

Teus brincos dançam se voltas

A cabeça a perguntar.

São como andorinhas soltas

Que inda não sabem voar.

Tens uma rosa na mão.

Não sei se é para me dar.

As rosas que tens na cara,

Essas sabes tu guardar.

Fomos passear na quinta,

Fomos à quinta em passeio.

Não há nada que eu não sinta

Que me não faça um enleio.

Os alcatruzes da nora

Andam sempre a dar e dar,

É para dentro e pra fora

E não sabem acabar.

Ó minha menina loura,

Ó minha loura menina,

Dize a quem te vê agora

Que já foste pequenina ...

Tens um livro que não lês,

Tens uma flor que desfolhas;

Tens um coração aos pés

E para ele não olhas.

Nunca dizes se gostaste

Daquilo que te calei.

Sei bem que o adivinhaste.

O que pensaste não sei.

O vaso que dei a quem

Que não sabe quem lho deu

Há-de ser posto à janela

Sem ninguém saber que, é meu.

Tive uma flor para dar

A quem não ousei dizer

Que lhe queria falar,

E a flor teve que morrer.

Quando olhaste para trás,

Não supus que era por mim.

Mas sempre olhaste, e isso faz

Que fosse melhor assim.

Todos os dias eu penso

Naquele gesto engraçado

Com que pegaste no lenço

Que estava esquecido ao lado.

Tens uma salva de prata

Onde pões os alfinetes...

Mas não tem salva nem prata

Aquilo que tu prometes.

Adivinhei o que pensas

Só por saber que não era

Qualquer das coisas imensas

Que a minh'alma sempre espera.

Ouvi-te cantar de dia.

De noite te ouvi cantar.

Ai de mim, se é de alegria!

Ai de mim, se é de penar!

Por um púcaro de barro

Bebe-se a água mais fria.

Quem tem tristezas não dorme,

Vela para ter alegria.

O malmequer que arrancaste

Deu-te nada no seu fim,

Mas o amor que me arrancaste,

Se deu nada, foi a mim.

Teu xaile de seda escura

É posto de tal feição

Que alegre se dependura

Dentro do meu coração.

O manjerico comprado

Não é melhor que o que dão.

Põe o manjerico ao lado

E dá-me o teu coração.

Rosa verde, rosa verde,...

Rosa verde é coisa que há?

É uma coisa que se perde

Quando a gente não está lá.

A rosa que se não colhe

Nem por isso tem mais vida.

Ninguém há que te não olhe

Que te não queira colhida.

Há verdades que se dizem

E outras que ninguém dirá.

Tenho uma coisa a dizer-te

Mas não sei onde ela está.

Quando ao domingo passeias

Levas um vestido claro.

Não é o que te conheço

Mas é em ti que reparo.

Tenho vontade de ver-te

Mas não sei como acertar.

Passeias onde não ando,

Andas sem eu te encontrar.

Andorinha que passaste,

Quem é que te esperaria?

Só quem te visse passar.

E esperasse no outro dia.

Nuvem do céu, que pareces

Tudo quanto a gente quer,

Se tu, ao menos, me desses

O que se não pode ter!

O burburinho da água

No regato que se espalha

É como a ilusão que é mágoa

Quando a verdade a baralha.

Leve sonho, vais no chão

A andares sem teres ser.

És como o meu coração

Que sente sem nada ter.

Vai alta a nuvem que passa.

Vai alto o meu pensamento

Que é escravo da tua graça

Como a nuvem o é do vento.

Ambos à beira do poço

Achamos que é muito fundo.

Deita-se a pedra, e o que eu ouço

É teu olhar, que é meu mundo.

Aquela senhora velha

Que fala com tão bom modo

Parece ser uma abelha

Que nos diz: "Não incomodo".

Maria, se eu te chamar,

Maria, vem cá dizer

Que não podes cá chegar.

Assim te consigo ver.

Boca com olhos por cima

Ambos a estar a sorrir...

Já sei onde está a rima

Do que não ouso pedir.

Quem lavra julga que lavra

Mas quem lavra é o que acontece...

Não me dás uma palavra

E a palavra não me esquece.

Tinhas um pente espanhol

No cabelo Português,

Mas quando te olhava o sol,

Eras só quem Deus te fez.

Boca de riso escarlate

E de sorriso de rir...

Meu coração bate, bate,

Bate de te ver e ouvir.

Quem me dera, quando fores

Pela rua sem me ver,

Supor que há coisas melhores

E que eu as pudera ter.

Acendeste uma candeia

Com esse ar que Deus te deu.

Já não é noite na aldeia

E, se calhar, nem no céu.

Eu te pedi duas vezes

Duas vezes, bem o sei,

Que por fim me respondesses

Ao que não te perguntei.

Não digas mal de ninguém

Que é de ti que dizes mal.

Quando dizes mal de alguém

Tudo no mundo é igual.

Todas as coisas que dizes

Afinal não são verdade.

Mas, se nos fazem felizes,

Isso é a felicidade.

Dás nós na linha que cose

Para que pare no fim.

Por muito que eu pense e ouse,

Nunca dás nó para mim.

Não sei em que coisa pensas
Quando coses sossegada...
Talvez naquelas ofensas
Que fazes sem dizer nada.

As gaivotas, tantas, tantas,
Voam no rio pro mar...
Também sem querer encantas,
Nem é preciso voar.

As ondas que a maré conta
Ninguém as pode contar.
Se, ao passar, ninguém te aponta,
Aponta-te com o olhar.

Todos os dias que passam
Sem passares por aqui
São dias que me desgraçam
Por me privarem de ti.

Quando cantas, disfarçando
Com a cantiga o cantar,
Parece o vento mais brando
Nesta brandura do ar.

Não sei que grande tristeza
Me fez só gostar de ti
Quando já tinha a certeza
De te amar porque te vi.

A mantilha de espanhola
Que trazias por trazer
Não te dava um ar de tola
Porque o não podias ter.

Boca de riso escarlate
Com dentes brancos no meio,
Meu coração bate, bate,
Mas bate por ter receio.

Se há uma nuvem que passa
Passa uma sombra também.
Ninguém diz que é desgraça
Não ter o que se não tem.

Tu, ao canto da janela
Sorrias a alguém da rua,
Porquê ao canto, se aquela
Posição não é a tua?

Dá-me, um sorriso ao domingo,

Para à segunda eu lembrar.

Bem sabes: sempre te sigo

E não é preciso andar.

Tens olhos de quem não quer

Procurar quem eu não sei.

Se um dia o amor vier

Olharás como eu olhei.

Pobre do pobre que é ele

E não é quem se fingiu!

Por muito que a gente vele

Descobre que já dormiu.

Não me digas que me queres

Pois não sei acreditar.

No mundo há muitas mulheres

Mas mentem todas a par.

Água que não vem na bilha

É como se não viesse.

Como a mãe, assim a filha...

Antes Deus as não fizesse.

Ó loura dos olhos tristes

Que me não quis escutar...

Quero só saber se existes

Para ver se te hei de amar.

Há grandes sombras na horta

Quando a amiga lá vai ter...

Ser feliz é o que importa,

Não importa como o ser!

O moinho de café

Mói grãos e faz deles pó.

O pó que a minh'alma é

Moeu quem me deixa só.

Dizem que não és aquela

Que te julgavam aqui.

Mas se és alguém e és bela

Que mais quererão de ti?

Tenho um livrinho onde escrevo

Quando me esqueço de ti.

É um livro de capa negra

Onde inda nada escrevi.

Olhos tristes, grandes, pretos,

Que dizeis sem me falar

Que não há filhos nem netos

De eu não querer amar.

Meu coração a bater

Parece estar-me a lembrar

Que, se um dia te esquecer,

Será por ele parar.

Quantas vezes a memória

Para fingir que inda é gente,

Nos conta uma grande história

Em que ninguém está presente

Trazes o vestido novo

Como quem sabe o que faz.

Como és bonita entre o povo,

Mesmo ficando para trás!

A tua boca de riso

Parece olhar para a gente

Com um olhar que é preciso

Para saber que se sente.

A laranja que escolheste

Não era a melhor que havia.

Também o amor que me deste

Qualquer outra mo daria.

Se o sino dobra a finados

Há de deixar de dobrar.

Dá-me os teus olhos fitados

E deixa a vida matar!

Por muito que pense e pense

No que nunca me disseste,

Teu silêncio não convence.

Faltaste quando vieste.

Tome lá, minha menina,

O ramalhete que fiz.

Cada flor é pequenina,

Mas tudo junto é feliz.

A vida é pouco aos bocados.

O amor é vida a sonhar.

Olho para ambos os lados

E ninguém me vem falar.

Dei-lhe um beijo ao pé da boca

Por a boca se esquivar.

A ideia talvez foi louca,

O mal foi não acertar.

Compras carapaus ao cento,

Sardinhas ao quarteirão.

Só tenho no pensamento

Que me disseste que não.

Duas horas te esperei.

Duas mais te esperaria.

Se gostas de mim não sei...

Algum dia há de ser dia ...

Tenho um desejo comigo

Que me traz longe de mim.

É saber se isto é contigo

Quando isto não é assim.

Leve vem a onda leve

Que se estende a adormecer,

Breve vem a onda breve

Que nos ensina a esquecer.

Quando a manhã aparece

Dizem que nasce alegria.

Isso era se Ela viesse.

Até de noite era dia.

Nuvem alta, nuvem alta,

Porque é que tão alta vais?

Se tens o amor que me falta,

Desce um pouco, desce mais!

Teu carinho, que é fingido,

Dá-me o prazer de saber

Que inda não tens esquecido

O que o fingir tem de ser.

A luva que retiraste

Deixou livre a tua mão.

Foi com ela que tocaste,

Sem tocar, meu coração.

O avental, que à gaveta

Foste buscar, não terá

Algibeira em que me meta

Para estar contigo já?

Quando vieste da festa,

Vinhas cansada e contente.

A minha pergunta é esta.

Foi da festa ou foi da gente?

Rouxinol que não cantaste,

Galo que não cantarás,

Qual de vós me empresta o canto

Para ver o que ela faz?

Quando chegaste à janela

Todos que estavam na rua

Disseram: olha, é aquela,

Tal é a graça que é tua!

Nuvem que passas no céu,

Dize a quem não perguntou

Se é bom dizer a quem deu:

"O que deste, não to dou."

"Vou trabalhando a peneira

E pensando assim assim.

Eu não nasci para freira.

Gosto que gostem de mim."

Roseiral que não dás rosas

Senão quando as rosas vêm,

Há muitas que são formosas

Sem que o amor lhes vá bem.

Ribeirinho, ribeirinho,

Que vais a correr ao léu

Tu vais a correr sozinho,

Ribeirinho, como eu.

"Vesti-me toda de novo

E calcei sapato baixo

Para passar entre o povo

E procurar quem não acho."

Tua boca me diz sim,

Teus olhos me dizem não.

Ai, se gostasses de mim

E sem saber a razão.

Quero lá saber por onde

Andaste todo este dia!

Nunca faz-bem quem se esconde

Mas onde foste, Maria?

O vaso do manjerico

Caiu da janela abaixo.

Vai buscá-lo, que aqui fico

A ver se sem ti te acho.

O cravo que tu me deste

Era de papel rosado.

Mas mais bonito era inda

O amor que Me foi negado,

Trazes os sapatos, pretos

Cinzentos de tanto pó.

Feliz é quem tiver netos

De quem tu sejas avó!

Vem de lá do monte verde

A trova que não entendo.

É um som bom que se perde

Enquanto se vai vivendo.

Moreninha, moreninha,

Com olhos pretos a rir.

Sei que nunca serás minha,

Mas quero ver-te sorrir.

Puseste a chaleira ao lume

Com um jeito de desdém.

Suma-te o diabo que sume

Primeiro quem te quer bem!

Lá vem o homem da capa

Que ninguém sabe quem é...

Se o lenço os olhos te tapa

Veio os teus olhos por fé.

Loura dos olhos dormentes,

Que são azuis e amarelos,

Se as minhas mãos fossem pentes,

Penteavam-te os cabelos.

O sino dobra a finados.

Faz tanta pena a dobrar!

Não é pelos teus pecados

Que estão vivos a saltar.

Traze-me um copo com água

E a maneira de o trazer.

Quero ter a minha mágoa

Sem mostrar que a estou a ter.

Olha o teu leque esquecido!

Olha o teu cabelo solto!

Maria, toma sentido!

Maria, senão não volto!

Já duas vezes te disse

Que nunca mais te diria

O que te torno a dizer

E fica para outro dia.

Lavadeira a bater roupa

Na pedra que está na água,

Achas minha mágoa pouca?

É muito tudo o que é mágoa.

O teu lenço foi mal posto

Pela pressa que to pôs.

Mais mal posto é o meu desgosto

Do que não há entre nós.

Olhos de veludo falso

E que fitam a entender,

Vós sois o meu cadafalso

A que subo com prazer.

Duas vezes eu tentei

Dizer-te que te queria,

E duas vezes te achei

Só a que falava e ria.

Meu coração é uma barca

Que não sabe navegar.

Guardo o linha na arca

Com um ar de o acarinhar.

Tenho um desejo comigo

Que hoje te venho dizer:

Queria ser teu amigo

Com amizade a valer.

És Maria da Piedade

Pois te chamaram assim.

Sê lá Maria à vontade,

Mas tem piedade de mim.

Tu És Maria da Graça,

Mas a que graça é que vem

Ser essa graça a desgraça

De quem a graça não tem?

Caiu no chão o novelo

E foi-se desenrolando.

Passas a mão no cabelo.

Não sei em que estás pensando.

A tua saia, que é curta,

Deixa-te a perna a mostrar:

Meu coração já se furta

A sentir sem eu pensar.

Meu amor é fragateiro.

Eu sou a sua fragata.

Alguns vão atrás do cheiro,

Outros vão só pela arreta.

Vai longe, na serra alta,

A nuvem que nela toca...

Dá-me aquilo que me falta -

Os beijos da tua boca.

Há um doido na nossa voz

Ao falarmos, que prendemos:

É o mal-estar entre nós

Que vem de nos percebermos.

Teu vestido porque é teu,

Não é de cetim nem chita.

É de sermos tu e eu

E de tu seres bonita.

Entornaram-me o cabaz

Quando eu vinha pela estrada.

Como ele estava vazio,

Não houve loiça quebrada.

O rosário da vontade,

Rezei-o trocado e a esmo.

Se vens dizer-me a verdade,

Vê lá bem se é isso mesmo.

Castanhetas, castanholas -

Tudo é barulho a estalar.

As que ao negar são mais tolas

São mais espertas ao dar.

O manjerico e a bandeira

Que há no cravo de papel -

Tudo isso enche a noite inteira,

Ó boca de sangue e mel.

Tem A filha da caseira

Rosas na caixa que tem.

Toda ela é uma rosa inteira

Mas não a cheira ninguém.

A moça que há na estalagem

Ri porque gosta de rir.

Não sei o que é da viagem

Por esta moça existir.

Lenço preto de orla branca

Ataste-o mal a valer

À roda desse pescoço

Que tem que se lhe dizer.

Aquela loura de preto

Com uma flor branca ao peito,

É o retrato completo

De como alguém é perfeito.

A tua janela é alta,

A tua casa branquinha.

Nada lhe sobra ou lhe falta

Senão morares sozinha.

Vem cá dizer-me que sim.

Ou vem dizer-me que não.

Porque sempre vens assim

P'ra ao pé do meu coração,.

Cortaste com a tesoura

O pano de lado a lado.

Porque é que todo teu gesto

Tem a feição de engraçado?

Ai, os pratos de arroz doce

Com as linhas de canela!

Ai a mão branca que os trouxe!

Ai essa mão ser a dela!

Frescura do que é regado,

Por onde a água inda verte...

Quero dizer-te um bocado

Do que não ouso dizer-te.

Ó pastora, ó pastorinha,

Que tens ovelhas e riso,

Teu riso ecoa no vale

E nada mais é preciso.

A abanar o fogareiro

Ela corou do calor.

Ah, quem a fará corar

De um outro modo melhor!

Manjerico que te deram,

Amor que te querem dar...

Recebeste o manjerico.

O amor fica a esperar.

Dona Rosa, Dona Rosa.

De que roseira é que vem,

Que não tem senão espinhos

Para quem só lhe quer bem?

O laço que tens no peito

Parece dado a fingir.

Se calhar já estava feito

Como o teu modo de rir.

Dona Rosa, Dona Rosa,

Quando eras inda botão

Disseram-te alguma cousa

De a flor não ter coração?

Tenho um segredo a dizer-te

Que não te posso dizer.

E com isto já to disse

Estavas farta de o saber ...

Os ranchos das raparigas

Vão a cantar pela estrada...

Não oiço as suas cantigas

Só tenho pena de nada.

Rezas porque outros rezaram,

E vestes à moda alheia...

Quando amares vê se amas

Sem teres o amor na ideia.

A senhora da Agonia

Tem um nicho na Igreja.

Mas a dor que me agonia

Não tem ninguém quem a veja.

Aparta o cabelo ao meio

A do cabelo apartado.

É a estrelinha em que leio

Que estou a ser enganado.

Esse frio cumprimento

Tem ironia p'ra mim.

Porque é o mesmo movimento

Com que a gente diz que sim...

Vejo lágrimas luzir

Nos teus olhos de fingida.

É como quando à janela

Chegas, um pouco escondida.

Trincaste, para o partir,

O retrós de costurar.

Quem não soubesse diria

Que o estavas a beijar.

Deixaste o dedal na mesa

Só pelo tempo da ausência -

Se eu to roubasse dirias

Que eu não tinha consciência.

Dá-me um sorriso daqueles

Que te não servem de nada

Como se dá às crianças

Uma caixa esvaziada.

O canário já não canta.

Não canta o canário já.

Aquilo que em ti me encanta

Talvez não me encantará.

Rezas a Deus ao deitar-te

Pedindo não sei o quê.

Se rezasses ao Demónio,

Eu saberia o que é.

Boca que tens um sorriso

Como se fosse um florir,

Teus olhos cheios de riso

Dão-lhe um orvalho de rir.

Uma boneca de trapos

Não se parte se, cair.

Fizeste-me a alma em farrapos

Bem: não se pode partir.

O que sinto e o que penso

De ti é bem e é mal.

É como quando uma xícara

Tem o pires desigual.

Levas a mão ao cabelo
Num gesto de quem não crê.
Mas eu não te disse nada.
Duvidas de mim? Porquê?

Compreender um ao outro
É um jogo complicado.
Pois quem engana não sabe
Se não estava enganado.

A roda dos dedos juntos
Enrolaste a fita a rir.
Corações não são assuntos
E falar não é sentir.

Chama-te boa, e o sentido
Não é bem o que eu supunha.
Boa não é apelido:
É, quando muito, alcunha.

Tu És Maria das Dores,
Tratam-te só por Maria.
Está bem, porque deste as dores
A quem quer que em ti se fia.

Se vais de vestido novo

O teu próprio andar o diz,

E ao passar por entre o povo

Até teu corpo é feliz.

Tens um anel imitado

Mas vais contento de o ter.

Que importa o falsificado

Se é verdadeiro o prazer.

Tenho ainda na lembrança

Como uma coisa que veio,

O quando inda eras criança.

Nunca mais me dás um beijo!

O ar do campo vem brando,

Faz sono haver esse ar.

Já não sei se estou sonhando

Nem de que serve sonhar.

Quando ela pôs o chapéu

Como se tudo acabasse,

Sofri de não haver véu

Que inda um pouco a demorasse.

Quem te deu aquele anel
Que ainda ontem não tinhas?
Como tu foste infiel
A certas ideias minhas!

Essa costura à janela
Que lhe inclinou a cabeça
Fez-me ver como era dela
Que o coração tinha pressa.

O ribeiro bate, bate
Nas pedras que nele estão,
Mas nem há nada em que bata
O meu pobre coração.

Nunca houve romaria
Que se lembrassem de mim...
Também quem se lembraria
De quem se lamenta assim?

Comes melão às dentadas
Porque assim não deve ser.
Não sei se essas gargalhadas
Me fazem rir ou sofrer.

Há dois dias que não vejo

Modo de tornar-te a ver:

Se outros também te não vissem,

Desejava sem sofrer.

O teu cabelo cortado

A maneira de rapaz

Não deixa justificado

Aquele amor que me faz.

Se te queres despedir

Não te despidas de mim,

Que eu não posso consentir

Que tu me trates assim.

Quem te fez assim tão linda

Não o fez para mostrar

Que se é mais linda ainda

Quando se sabe negar.

Floriu a roseira toda

Com as rosas de trepar...

Tua cabeça anda à roda

Mas sabes-te equilibrar.

Morena dos olhos baços

Velados de não sei quê,

No mundo há falta de braços

Para o que o teu olhar vê.

Quando compões o cabelo

Com tua mão distraída

Fazer-me um grande novelo

No pensamento da vida.

Teus olhos de quem não fita

Vagueiam, 'stão na distância.

Se fosses menos bonita,

Isso não tinha importância.

Tocam sinos a rebate

E levantaste-te logo.

Teu coração só não bate

Por a quem puseste fogo.

O coração é pequeno,

Coitado, e trabalha tanto!

De dia a ter que chorar,

De noite a fazer o pranto ...

Deram-me um cravo vermelho

Para eu ver como é a vida.

Mas esqueci-me do cravo

Pela hora da saída.

Fiz estoirar um cartucho

Contra a parede do lado.

Assim farei eu à vida,

Que o sonhar fez-me assoprado.

O malmequer que colheste

Deitaste-o fora a falar.

Nem quiseste ver a sorte

Que ele te podia dar.

Comi melão retalhado

E bebi vinho depois,

Quanto mais olho p'ra ti

Mais sei que não somos dois.

Trazes um lenço novinho

Na cabeça e a descair,

Se eu te beijar no cantinho

Só saberá quem nos vir.

E ao acabar estes versos

Feitos em modo menor

Cumpre prestar homenagem

À bebedeira do cantor.

Toda a noite, toda a noite,

Toda a noite sem pensar...

Toda a noite sem dormir

E sem tudo isso acabar.

Puseste um vaso à janela.

Foi sinal ou não foi nada,

Ou foi p'ra que pense em ti

Que te não importas nada?

Eu vi ao longe um navio

Que tinha uma vela só,

Ia sozinho no mar...

Mas não me fazia dó.

Corre a água pelas calhas

Lá segundo a sua lei.

Pareces, vista de lado,

Aquela que te julguei.

Lá por olhar para ti

Não julgues que é por gostar.

Eu gosto muito do sol,

E nem o posso fitar.

Viraste-me a cara quando

Ia a dizer-te, à chegada,

Que, se voltasses a cara,

Que eu não me importava nada.

Na quinta que nunca houve

Há um poço que não há

Onde há de ir encontrar água

Alguém que te entenderá.

Voam débeis e enganadas

As folhas que o vento toma.

Bem sei: deitamos os dados

Mas Deus é sue deita a soma.

Ribeirinho, ribeirinho,

Que falas tão devagar,

Ensina-me o teu caminho

De passar sem desejar amar.

Do alto da torre da igreja

Vê-se o campo todo em roda.

Só do alto da esperança

Vemos nós a vida toda.

Dá-me um sorriso a brincar,

Dá-me uma palavra a rir,

Eu me tenho por feliz

Só de te ver e te ouvir.

Trazes um lenço apertado

Na cabeça, e um nó atrás.

Mas o que me traz cansado

É o nó que nunca se faz.

Vi-te a dizer um adeus

A alguém que se despedia,

E quase implorei dos céus

Que eu partisse qualquer dia.

Eu voltei-me para trás

Para ver se te voltavas.

Há quem dê favas aos burros,

Mas eles comem as favas.

Deixaste cair no chão

O embrulho das queijadas.

Riste disso -E porque não?

A vida é feita de nadas.

Deste-me um cordel comprido

Para atar bem um papel.

Fiquei tão agradecido

Que inda tenho esse cordel.

No dia de Santo António

Todos riem sem razão.

Em São João e São Pedro

Como é que todos rirão?

Tenho uma pena que escreve

Aquilo que eu sempre sinta.

Se é mentira, escreve leve.

Se é verdade, não tem tinta.

O capilé é barato

E é fresco quando há calor.

Vou sonhar o teu retrato

Já que não tenho melhor.

Baila o trigo quando há vento

Baila porque o vento o toca

Também baila o pensamento

Quando o coração provoca.

Fizeste molhos de flores

Para não dar a ninguém.

São como os molhos de amores

Que foras fazer a alguém.

Se houver alguém que me diga

Que disseste bem de mim,

Farei uma outra cantiga,

Porque esta não é assim.

Manjerico, manjerico,

Manjerico que te dei,

A tristeza com que fico

Inda amanhã a terei.

Ris-te de mim? Não me importo.

Rir não faz mal a ninguém.

Teu rir é tão engraçado

Que, quando faz mal, faz bem.

Ouves-me sem me entender.

Sorris sem ser porque falo.

É assim muita mulher.

Mas nem por isso me calo.

Se eu te pudesse dizer

O que nunca te direi,

Tu terias que entender

Aquilo que nem eu sei.

Bailaste de noite ao som

De uma música estragada.

Bailar assim só é bom

Quando a alegria é de nada.

Não sei que flores te dar

Para os dias da semana.

Tens tanta sombra no olhar

Que o teu olhar sempre engana.

Descasquei o camarão,

Tirei-lhe a cabeça toda.

Quando o amor não tem razão

É que o amor incomoda.

Cabeça de ouro mortiço

Com olhos de azul do céu,

Quem te ensinou o feitiço

De me fazer não ser eu?

São já onze horas da noite.

Porque te não vais deitar?

Se de nada serve ver-te,

Mais vale não te fitar.

Tiraste o linho da arca,

Da arca tiraste o linho.

Meu coração tem a marca

Que lhe puseste mansinho.

Ao dobrar o guardanapo

Para o meteres na argola

Fizeste-me conhecer

Como um coração se enrola.

Quando eu era pequenino

Cantavam para eu dormir.

Foram-se o canto e o menino.

Sorri-me para eu sentir!

Meia volta, toda a volta,

Muitas voltas de dançar...

Quem tem sonhos por escolta

Não é capaz de parar.

Fui passear no jardim

Sem saber se tinha flores

Assim passeia na vida

Quem tem ou não tem amores.

No dia em que te casares

Hei de te ir ver à Igreja

Para haver o sacramento

De amar-te alguém que ali esteja.

Quando apertaste o teu cinto

Puseste o cravo na boca.

Não sei dizer o que sinto

Quando o que sinto me toca.

Toda a noite ouvi os cães

P'ra manhã ouvi os galos.

Tristeza -vem ter connosco.

Prazeres -é ir achá-los.

Deram-me, para se rirem,
Uma corneta de barro,
Para eu tocar à entrada
Do Castelo do Diabo.

Quando te apertei a mão
Ao modo de assim-assim,
Senti o meu coração
A perguntar-me por mim.

Tinhas um vestido preto
Nesse dia de alegria...
Que certo! Pode pôr luto
Aquele que em ti confia.

Só com um jeito do corpo
Feito sem dares por isso
Fazes mais mal que o demónio
Em dias de grande enguiço.

Esse xaile que arranjaste,
Com que pareces mais alta
Dá ao teu corpo esse brio
Que à minha coragem falta.

Tem um decote pequeno,

Um ar modesto e tranquilo;

Mas vá-se lá descobrir

Coisa pior do que aquilo!

Teus olhos poisam no chão

Para não me olhar de frente.

Tens vontade de sorrir

Ou de rir? É tão dif'’rente!

Quando passas pela rua

Sem reparar em quem passa,

A alegria é toda tua

E minha toda a desgraça.

A esmola que te vi dar

Não me deu crença nem fé,

Pois a que estou a esperar

Não é esmola que se dê.

Caiu no chão a laranja

E rolou pelo chão fora.

Vamos apanhá-la juntos,

E o melhor é ser agora.

Quando te vais a deitar

Não sei se rezas se não.

Devias sempre rezar

E sempre a pedir perdão.

É limpo o adro da igreja.

É grande o largo da praça.

Não há ninguém que te veja

Que te não encontre graça.

Quando agora me sorriste

Foi de contente de eu vir,

Ou porque me achaste triste,

Ou já estavas a sorrir?

Boca que o riso desata

Numa alegria engraçada,

És como a prata lavrada

Que é mais o lavor que a prata.

Por cima da saia azul

Há uma blusa encarnada,

E por cima disso os olhos

Que nunca me dizem nada.

Fazes renda de manhã

E fazes renda ao serão.

Se não fazes senão renda,

Que fazes do coração?

Todos te dizem que és linda.

Todos to dizem a sério.

Como o não sabes ainda

Agradecer é mistério.

Eu bem sei que me desdenhas

Mas gosto que seja assim,

Que o dendém que por mim tenhas

Sempre é pensares em mim.

A tua irmã é pequena,

Quando tiver tua idade,

Transferirei minha pena

Ou fico só com metade?

Quando me deste os bons dias

Deste-mos como a qualquer.

Mais vale não dizer nada

Do que assim nada dizer.

Tenho uma ideia comigo

De que não quero falar.

Se a ideia fosse um postigo

Era pra te ver passar.

Andorinha que vais alta,

Porque não me vens trazer

Qualquer coisa que me falta

E que te não sei dizer?

Tenho um lenço que esqueceu

A que se esquece de mim.

Não é dela, não é meu,

Não é princípio nem fim.

Duas horas vão passadas

Sem que te veia passar.

Que coisas mal combinadas

Que são amor e esperar!

Houve um momento entre nós

Em que a gente não falou.

Juntos, estávamos sós.

Que bom é assim estar só!

"Das flores que há pelo campo

O rosmaninho é rei. . . "

É uma velha cantiga...

Bem sei, meu Deus, bem o sei.

O moinho que mói trigo

Mexe-o o vento ou a água,

Mas o que tenho comigo

Mexe-o apenas a mágoa.

Aquela que tinha pobre

A única saia que tinha,

Por muitas roupas que dobre

Nunca será mais rainha.

Tens uns brincos, sem valia

E um lenço que não é nada,

Mas quem dera ter o dia

De quem és a madrugada.

Loura, teus olhos de céu

Têm um azul que é fatal..

Bem sei: Foi Deus que tos deu.

Mas então Deus fez o mal?

Vai alta sobre a montanha

Uma nuvem sem razão.

Meu coração acompanha

O não teres coração.

Dizem que as flores são todas

Palavras que a terra diz.

Não me falas: incomodas.

Falas: sou menos feliz.

Duas vezes jurei ser

O que julgo que sou,

Só para desconhecer

Que não sei para onde vou.

O pescador do mar alto

Vem contente de pescar.

Se prometo, sempre falto:

Receio não agradar.

Todos lá vão para a festa

Com um grande azul de céu.

Nada resta, nada resta...

Resta sim, que resta eu.

Andei sozinho na praia

Andei na praia a pensar

No jeito da tua saia

Quando lá estiveste a andar.

Onda que vens e que vais

Mar que vais e depois vens,

Já não sei se tu me atrais,

E, se me, atrais, se me tens.

Quando há música, parece

Que dormes, e assim te calas,

Mas se a música falece,

Acordo, e não me falas.

Trazes uma cruz no peito.

Não sei se é por devoção.

Antes tivesses o jeito

De ter lá um coração.

O guardanapo dobrado

Quer dizer que se não volta.

Tenho o coração atado:

Vê se a tua mão mo solta.

"À tua porta está lama.

Meu amor, quem na faria?"

É assim a velha cantiga

Que como tu principia.

Menina de saia preta

E de blusa de outra cor,

Que é feito daquela seta

Que atirei ao meu amor?

Lavas a roupa na selha

Com um vagar apressado,

E o brinco na tua orelha

Acompanha o teu cuidado.

Duas vezes te falei

De que te iria falar.

Quatro vezes te encontrei

Sem palavra p'ra te dar.

Velha cadeira deixada

No canto da casa antiga

Quem dera ver lá sentada

Qualquer alma minha amiga.

Trazes a bilha à cabeça

Como se ela não houvesse.

Andas sem pressa depressa

Como se eu lá não estivesse.

Trazes um manto comprido

Que não é xaile a valer.

Eu trago em ti o sentido

E não sei que hei de dizer.

Olhas para mim às vezes

Como quem sabe quem sou.

Depois passam dias, meses,

Sem que vás por onde vou.

Quando tiraste da cesta

Os figos que prometeste

Foi em mim dia de festa,

Mas foi a todos que os deste.

Aquela que mora ali

E que ali está à janela

Se um dia morar aqui

Se calhar não será ela.

Mas que grande disparate
É o que penso e o que sinto.
Meu coração bate, bate
E se sonho minto, minto.

Puseste por brincadeira
A touca da tua irmã.
Ó corpo de bailadeira,
Toda a noite tem manhã.

Dizes-me que nunca sonhas
E que dormes sempre a fio.
Quais são as coisas risonhas
Que sonhas por desfastio?

O teu carrinho de linha
Rolou pelo chão caído.
Apanhei-o e dei-to e tinha
Só em ti o meu sentido.

A vida é um hospital
Onde quase tudo falta.
Por isso ninguém te cura
E morrer é que é ter alta.

Que tenho o coração preto

Dizes tu, e inda te alegras.

Eu bem sei que o tenho preto:

Está preto de nódoas negras.

Na praia de Monte Gordo.

Meu amor, te conheci.

Por ter estado em Monte Gordo

É que assim emagreci.

Saudades, só portugueses

Conseguem senti-las bem.

Porque têm essa palavra

Para dizer que as têm.

"Mau, Maria!" -tu disseste

Quando a trança te caía.

Qual "Mau, Maria", Maria!

"Má Maria"' "Má Maria!"

Era já de madrugada

E eu acordei sem razão,

Senti a vida pesada.

Pesado era o coração.

Boca de romã perfeita

Quando a abres p'ra comer.

Que feitiço é que me espreita

Quando ris só de me ver?

Tenho um segredo comigo

Que me faz sempre cismar,

É se quero estar contigo

Ou quero contigo estar.

Trazes já aquele cinto

Que compraste no outro dia.

Eu trago o que sempre sinto

E que é contigo, Maria.

Teu olhar não tem remorsos

Não é por não ter que os ter.

É porque hoje não é ontem

E viver é só esquecer.

Disseste-me quase rindo:

"Conheço-te muito bem!"

Dito por quem me não quer.

Tem muita graça, não tem?

Fica o coração pesado

Com o choro que chorei.

É um ficar engraçado

O ficar com o que dei. . .

Este é o riso daquela

Em que não se reparou.

Quando a gente se acautela

Vê que não se acautelou.

Tens vontade de comprar

O que vês só porque o viste.

Só a tenho de chorar

Porque só compro o ser triste.

Baila em teu pulso delgado

Uma pulseira que herdaste...

Se amar alguém é pecado.

És santa, nunca pecaste.

Teus olhos querem dizer

Aquilo que se não diz...

Tenho muito que fazer.

Que sejas muito feliz.

Água que passa e canta

É água que faz dormir...

Sonhar é coisa que encanta,

Pensar é já não sentir.

Deste-me um adeus antigo

À maneira de eu não ser

Mais que o amigo do amigo

Que havia de poder ter.

Linda noite a desta lua.

Lindo luar o que está

A fazer sombra na rua.

Por onde ela não virá.

O papagaio do paço

Não falava -assobiava.

Sabia bem que a verdade

Não é coisa de palavra.

Puseste a mantilha negra

Que hás de tirar ao voltar.

A que me puseste na alma

Não tiras. Mas deixa-a estar!

Trazes os brincos compridos,

Aqueles brincos que são

Como as saudades que temos

A pender do coração.

Deixaste cair a liga

Porque não estava apertada...

Por muito que a gente diga

A gente nunca diz nada.

Não há verdade na vida

Que se não diga a mentir.

Há quem apresse a subida

Para descer a sorrir.

No dia de S. João

Há fogueiras e folias.

Gozam uns e outros não,

Tal qual como os outros dias.

Santo António de Lisboa

Era um grande pregador,

Mas é por ser Santo António

Que as moças lhe têm amor.

Freeditorial